Polonia

Estudios
Latinoamericanos

Sociedad Polaca de Estudios Latinoamericanos

ISSN 0137-3080

Original title / título original:

A recepção da literatura brasileira na Polônia (séculos XIX-XX)

Author(s)/ autor(es):

Elżbieta Milewska

Published originally as/ Publicado originalmente en:
Estudios Latinoamericanos, 13 (1990), pp. 181-204

DOI: <https://doi.org/10.36447/Estudios1990.v13.art6>

Estudios Latinoamericanos is a journal published by the Polish Society for Latin American Studies (Polskie Towarzystwo Studiów Latinoamerykanistycznych).

The Polish Society for Latin American Studies is scholarly organization established to facilitate research on Latin America and to encourage and promote scientific and cultural cooperation between Poland and Latin America.

Estudios Latinoamericanos, revista publicada por la Sociedad Polaca de Estudios Latinoamericanos (Polskie Towarzystwo Studiów Latynoamerykanistycznych).

Sociedad Polaca de Estudios Latinoamericanos es una asociación científica fundada con el fin de desarrollar investigaciones científicas sobre América Latina y participar en la cooperación científica y cultural entre las sociedades de Polonia y América Latina.

A recepção da literatura brasileira na Polónia (séculos XIX–XX).

Elżbieta Milewska

1. Observações preliminares

- A história de recepção da literatura brasileira na Polónia tem as tradições bastante recentes, visto que do seu conhecimento no nosso país só podemos falar a partir dos meados do nosso século, quando as traduções dos autores brasileiros e as respectivas apreciações críticas se tornam uma constante na nossa cultura literária.
- A escassez das traduções e das referências à literatura brasileira antes da II Guerra Mundial impõe uma determinada periodização na história das relações literárias polono-brasileiras, na qual o ano de 1945 adquire o valor simbólico da data divisória entre as duas épocas bem diferentes.
- O atraso, com que a literatura brasileira se tronou conhecida entre nós, constitui um dos aspectos do fenómeno mais amplo, a saber do «subdesenvolvimento» dos nossos estudos das línguas e culturas ibéricas em relação aos países ocidentais, onde o interesse por essas culturas era sempre maior e, em consequência disso, muito mais cedo do que na Polónia se criaram ali os centros de investigações especializadas. Mas, embora os postulados de estimular tais estudos fossem formulados por nossos estudiosos na década de 1920¹, somente meio século mais tarde, em 1972, foi criada na Universidade de Varsóvia a Cátedra dos Estudos Ibéricos, primeiro departamento universitário especializado em línguas e literaturas

Elżbieta Milewska – Cátedra de Estudios Ibéricos, Universidad de Varsovia, ul. Oboźna 8, Varsovia.

1. cf. S. Wędkiewicz. *Zaniedbana dziedzina humanistyki. Znajomość języków i literatur iberyjskich za granicą a w Polsce* [Um raio abandonado das ciências humanas. O conhecimento das línguas e literaturas ibéricas no estrangeiro e na Polónia]. «Przegląd Współczesny», t. 25, 1928, pp. 283–307, 470–485, t. 26, pp. 277–320.

ibéricas e iberoamericanas. Antes da sua criação, a partir dos anos 20, o espanhol, o português e as duas literaturas peninsulares apareciam esporadicamente nos programas universitários, sendo esse facto condicionado pelos interesses particulares de alguns professores, tais como E. Porębowicz, S. Wędkiewicz, W. Folkierski ou J. Morawski, que nas Universidades de Lwów, de Cracóvia e de Poznań davam os primeiros impulsos aos estudos das línguas e literaturas da Península Ibérica.

Quanto à literatura brasileira, ela nem se estudava nas universidades, nem sequer pertencia às literaturas conhecidas, não obstante os laços estreitos estabelecidos entre os dois países através dos milhares de emigrantes poloneses, que a partir da década de 1870 se deslocavam para o Brasil².

II. O conhecimento da literatura brasileira na Polónia antes da II Guerra Mundial

O conceito da «literatura brasileira» como uma literatura nacional e autónoma começou a funcionar na Europa logo após a independência do Brasil (1822), sendo em breve consagrado por vários trabalhos de mérito, publicados principalmente em Paris, tais como *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du résumé littéraire du Brésil* de F. Denis (Paris 1826), *Parnasso lusitano*, antologia de poesia em língua portuguesa composta e prefaciada por Almeida Garrett (Paris 1826–7), *Résumé de l'histoire de la littérature, des sciences et des arts au Brésil* de G. de Magalhães, Torres Homem e Porto Alegre, três introdutórios do romantismo na literatura brasileira (*Journal de l'Institut Historique*, I, Paris 1834). Às importantes publicações lançadas em Paris por esses três jovens renovadores das letras brasileiras pertencem ainda dois números de «Niterói — Revista brasiliense» (1836) e volume de poesias de

2. No presente artigo aproveitaram-se somente alguns dos mais recentes trabalhos sobre a emigração polonesa para o Brasil, a saber: M. Kula: *Polonia brazylijska [Os imigrantes poloneses no Brasil]* Warszawa 1981; *idem*, *Ameryka bliska i daleka [A América próxima e longínqua]* em: *Ameryka Łacińska w relacjach Polaków [América Latina nos relatos dos poloneses]*, Warszawa 1982; K. Groniowski: *Polska emigracja zarobkowa w Brazylii, 1871–1914 [A emigração económica da Polónia para o Brasil, 1871–1914]*, Wrocław 1972; I. Klarnet: *Emigracja z Królestwa Polskiego do Brazylii w latach 1890–1914 [A emigração do Reino da Polónia para o Brasil nos anos de 1890–1914]*, Warszawa 1975; M. Paradowska: *Polacy w Ameryce Południowej [Os poloneses na América do Sul]*, Wrocław 1977; *Emigracja polska w Brazylii. 100 lat osadnictwa [Os imigrantes poloneses no Brasil, 100 anos de colonização]*, Warszawa 1971.

Gonçalves de Magalhães intitulado *Suspiros poéticos e saudades* (Paris 1836).

Todas essas iniciativas de carácter literário, assim como os relatos de viagens de numerosos artistas e cientistas, que nas primeiras décadas do séc. XIX visitaram o Brasil (Taunay, Debret, Rugendas, Humboldt, Saint-Hilaire e outros), contribuíram para a valorização da cultura brasileira, que nos países ocidentais despertava não só o interesse, mas às vezes até o entusiasmo.

Na Polónia, embora os contactos directos com a Brasil crescessem progressivamente ao longo do século XIX, a cultura brasileira não chegou a constituir nem um objeto de estudos nem de fascinação. Os poloneses que viajavam naquela altura ao Brasil não iam ali na qualidade de turistas impelidos pela curiosidade artística ou científica. Tanto para os nossos emigrantes políticos — após os fracassados levantamentos de 1830 e 1863 — como para os pobres camponeses afectados pela «febre brasileira» o Brasil constituía uma nova pátria, onde foi preciso muito esforço para ganhar o pão de cada dia³. Daí a imagem do Brasil, que surge dos seus depoimentos, é composta de outras cores e de outros elementos que continham as descrições dos viajantes dos países ocidentais.

Antes da época de intensa corrente emigratória denominada a «febre brasileira» (1890–1914) os relatos dos nossos viajantes sobre o Brasil foram bastante raros e reduziam-se às cartas ou diários de alguns dos «peregrinos» políticos, que embora fossem homens cultos, não revelavam nenhum interesse pelas artes e letras brasileiras⁴. As notícias sobre a literatura brasileira escasseavam também nos artigos sobre o Brasil, que se traduziam dos jornais estrangeiros, adquirindo assim o valor duma raridade a breve notícia sobre a carreira literária de Gonçalves de Magalhães, publicada em 1861 por um dos jornais de Varsóvia⁵.

Nas últimas décadas do séc. XIX e nas primeiras do séc. XX, embora o número dos artigos e livros sobre o Brasil crescesse duma maneira

3. Sobre as dificuldades económicas dos emigrantes fala, por. ex. P. Czerniewicz, médico que se estabeleceu no Rio nos anos 40 do séc. XIX. As suas cartas foram publicadas num dos principais periódicos da época («Biblioteka Warszawska», t. III, 1842, pp. 438–49).

4. cf. P. Czerniewicz: *Listy z Brazylii z Rio-Janeiro* [Cartas do Brasil do Rio de Janeiro], «Biblioteka Warszawska», t. III, 1842, pp. 438–49; *Pisma X. Hieronima Kajsiewicza* [Obras do Pe. H. Kajsiewicz], t. III, Berlin 1871; Ks. K. Mikoszewski: *Pamiętniki moje* [As minhas memórias], Warszawa 1987.

5. «Gazeta codzienna», 1861, No 36.

impressionante⁶, devido ao vivo interesse pela sorte dos colonos poloneses no «inferno brasileiro», não aparece sequer um trabalho dedicado à literatura brasileira. A única fonte de informação sobre as letras brasileiras, ainda nos anos trinta do nosso século, constituíam as enciclopédias, cujos artigos sobre esse assunto deixavam muito a desejar. O primeiro resumo da literatura brasileira foi publicado na nossa melhor enciclopédia oitocentista (*Encyklopedia Powszechna* de S. Orgelbrand), que no seu segundo volume incluía o artigo intitulado *A literatura brasileira*. Embora publicado em 1883, esse resumo apresentava o desenvolvimento da literatura brasileira somente até os anos 40 do séc. XIX, terminando com a primeira geração romântica. Outra falta dessa resenha, baseada no conhecido livro de W. Wolf *Le Brésil littéraire* (Berlin 1863), consistia em apreciações inadequadas ao verdadeiro valor de vários escritores. As mesmas censuras merece o mais extenso dos artigos enciclopédicos sobre as letras brasileiras, publicado dez anos mais tarde, em outra enciclopédia importante⁷. Embora seu autor, conhecido crítico literário J. A. Święcicki, se apoiasse, entre outros, em *História da literatura brasileira* de Silvio Romero (Rio de Janeiro 1888), obra composta segundo os princípios científicos de Taine, ao seu ensaio enciclopédico faltam o rigor crítico e as informações actualizadas, já que igualmente termina nos anos 40 do séc. XIX.

Os mesmos defeitos apresenta também o breve resumo da literatura brasileira, publicado em 1928 na enciclopédia *Ultima Thule*, que além de ser o mais reduzido e o mais confuso de todos, termina igualmente com a apresentação dos primeiros românticos, o que constitui uma prova evidente de que nos estudos da literatura brasileira na Polónia não se faziam quaisquer progressos e o nosso leitor ainda, nos anos trinta do séc. XX, desconhecia totalmente tudo, o que se passou na literatura brasileira nos últimos cem anos, tão significativos e importantes na autodefinição cultural do Brasil independente. Essas informações tampouco forneciam os compên-

6. A bibliografia respectiva em: *Emigracja polska w Brazylii. 100 lat osadnictwa* [Os imigrantes poloneses no Brasil. 100 anos da colonização], op. cit., pp. 494–511; A bibliografia comentada: M. Kula: *Polska literatura dotycząca Ameryki Łacińskiej. XIX i XX w.* [Os escritos poloneses relativos ao Brasil, séc. XIX e XX], «Dzieje Najnowsze», t. II, 1972, pp. 119–136.

7. *Wielka Encyklopedia Powszechna Ilustrowana*, t. IX–X, Warszawa 1893, pp. 390–93.

dios da literatura universal, que omitiam a literatura brasileira, mencionando — quando muito — os escritores da época colonial nos capítulos dedicados às letras portuguesas. Entre os importantes trabalhos monográficos sobre o Brasil, que se publicaram na Polónia antes da II Guerra Mundial, somente o de P^e Łyp (*Brazylia. Kraj, ludzie, stosunki*, 1930) dedicava algumas linhas à literatura brasileira, caracterizando em poucas palavras o seu desenvolvimento histórico e citando os nomes de alguns escritores oitocentistas. Assim, a imagem do Brasil, que ofereciam os escritos inspirados pela emigração, não englobava os elementos culturais, como se tais actividades humanas como artes, literatura, música não existissem nesse país. Mesmo os homens de letras, que visitaram o Brasil e em seguida publicaram os seus depoimentos, não dedicaram a mínima atenção à literatura brasileira⁸.

A visão limitada, que os poloneses tinham do Brasil, decorria, sem dúvida, do facto de olharem esse país pelo prisma dos problemas que ali enfrentavam os nossos emigrantes, na sua grande maioria os camponeses analfabetos, que viviam nas condições extremamente precárias, desbravando as matas virgens, numa isolação do mundo civilizado. A imagem do Brasil, formada no meio dos colonos e que se refletia nas opiniões divulgadas na Polónia, abrangia desta maneira «geograficamente — os estados do Sul, etnicamente — os brasileiros do Sul e os alemães, economicamente — o campo e a agricultura, politicamente — a ajuda e protecção prestadas aos imigrantes pelas autoridades estaduais e federais»⁹. Empenhados no trabalho pioneiro de cultivar as terras virgens e convivendo com os caboclos brasileiros ainda mais pobres e mais atrasados do que eles próprios, os imigrantes poloneses estavam persuadidos de que cumpriam no Brasil uma alta missão civilizadora. Essa opinião partilhavam também os intelectuais na Polónia, o que, evidentemente, não estimulava qualquer interesse pela cultura do país considerado «selvagem».

Mas, embora na época de que falamos, essa imagem do Brasil não mudasse radicalmente, pouco a pouco, com o melhoramento das

8. cf. A. Dygasinski: *Listy z Brazylji* [*Cartas do Brasil*], Warszawa 1891; A. Słonimski: *Pod zwrotnikami* [*Nos trópicos*], Warszawa 1925.

9. T. Lepkowski: *La imagen de America Latina en la Polonia de los siglos XIX y XX*, «Estudios Latinoamericanos», t. 6, 1^a parte, 1980, p. 143.

condições económicas da vida dos imigrantes, com o desenvolvimento do ensino, com a progressiva assimilação das novas gerações e com o maior afluxo dos intelectuais da Polónia (nos tempos da «febre brasileira» eles constituíam somente 0.5% da grande massa emigratória) essa imagen fragmentária, limitada pelas necessidades materiais e os horizontes mentais dos colonos, ia se modificando e enriquecendo. Um dos sintomas do alargamento da visão estreita do Brasil, formada na época da «febre brasileira», foram as primeiras manifestações, ainda modestas, do interesse pela literatura brasileira, que na década de 20 se podem observar tanto no seio da comunidade polonesa no Brasil, como na Polónia. Naquela altura aparecem as primeiras traduções dos autores brasileiros em língua polonesa e é interessante notar que os primeiros tradutores saíram do meio dos imigrantes.

As traduções da poesia brasileira iniciou no Brasil Szymon Kos-sobudzki (1896–1934), médico, professor da Universidade de Curitiba, jornalista e poeta, que, além do hino brasileiro, verteu para o polonês vários poemas, publicados nos periódicos poloneses em Curitiba. Quanto às primeiras versões polonesas da prosa brasileira, elas foram feitas por Władysław Wójcik, escritor, jornalista e professor nas escolas polonesas no Brasil, onde permaneceu entre 1923–1961. Foi ele, que traduziu dois romances históricos — *Balajada* de Viriato Correia e *Guerra dos Mascates* do prosador romântico, José de Alencar. Ambas as traduções, impressas na tipografia polonesa em Curitiba respectivamente em 1922 e 1930, não chegaram a ser conhecidas ao público leitor na Polónia, mas mesmo assim, constituem um facto importante na história das relações literárias polono-brasileiras, já que independentemente do lugar da publicação pertencem ao património cultural da nossa língua.

Enquanto W. Wójcik, traduzindo o romance de Alencar, contribuiu para a divulgação da obra desse escritor no meio dos imigrantes, J. Stańczewski, outro polonês estabelecido no Brasil, fê-lo na Polónia, graças ao ensaio *José de Alencar, criador do romance nacional brasileiro*, publicado em 1929 por ocasião do centenário do nascimento do escritor numa das prestigiosas revistas culturais da

época, a saber em «Przegląd Współczesny»¹⁰. O estudo de J. Stańczewski, baseado no bom conhecimento da obra de Alencar e dos respectivos trabalhos críticos, constitui até agora a mais ampla apresentação da obra desse autor em nossa língua. Frisando a importância de Alencar no desenvolvimento da prosa brasileira, J. Stańczewski chamava também atenção à falta das traduções desse escritor na Polónia, falta que foi remediada somente uns trinta anos mais tarde com o aparecimento das versões polonesas de *O Guarani* (1962) e de *O Sertanejo* (1964), ambas feitas por J. Wrzoscowa, uma das principais tradutoras da literatura brasileira após a II Guerra Mundial.

- J. Stańczewski merece também atenção como primeiro pesquisador das relações culturais polono-brasileiras. Os seus estudos sobre os temas poloneses na literatura brasileira, sobre a divulgação da cultura polonesa no Brasil e sobre a influência da língua portuguesa no falar dos poloneses no Brasil¹¹ têm o valor dos trabalhos pioneiros e básicos nos domínios por ele abordados.

Nas décadas de 1920–30 foram na Polónia também dados os primeiros passos no campo das traduções da literatura brasileira. Em 1924, o jornal «Rzeczpospolita» publicou dois contos — um de Machado de Assis, clássico da prosa psicológica oitocentista e outro de Monteiro Lobato, famoso contista e renovador da literatura infantil, morto em 1948¹². Em 1925, mais um conto de Monteiro Lobato saiu na revista «Ameryka-Polska»¹³. Cinco contos do mesmo autor foram publicados em seguida nas revistas

10. J. Stańczewski: *José de Alencar, twórca narodowej powieści brazylijskiej* [José de Alencar, criador do romance nacional brasileiro], «Przegląd Współczesny», t. 31, 1929, pp. 434–443. À parte indianista da obra de Alencar foram recentemente dedicados dois artigos de E. Milewska: *Indianin w literaturze brazylijskiej — mit i rzeczywistość* [O índio na literatura brasileira — o mito e a realidade], «Kontynenty», 1985, N° 12; *O indianismo de José de Alencar como expressão do antagonismo de duas raças*, «Estudios Latinoamericanos», t. 12, 1988.

11. J. Stańczewski: *Polska i Polacy w piśmiennictwie brazylijskim* [A Polónia e os poloneses nos escritos brasileiros], «Przegląd Współczesny», t. 27, 1928, pp. 337–343; *idem*, *Druki portugalskie i brazylijskie o Polsce* [As publicações portuguesas e brasileiras sobre a Polónia], Poznań 1929; *idem*, *A Polónia na literatura brasileira (antologia)*, Curitiba 1927; *idem*, *Propaganda kultury polskiej w Brazylii* [A propagação da cultura polonesa no Brasil], «Przegląd Współczesny», t. 27, 1928, pp. 514–20; *idem*, *Słownik polsko-portugalski kolonisty polskiego w Brazylii. Wpływ języka portugalskiego na język kolonistów polskich w Brazylii* [O vocabulário polono-português do colono polonês no Brasil. A influência da língua portuguesa no falar dos colonos poloneses no Brasil], Curitiba 1925.

12. «Rzeczpospolita», 1924, N° 110–112 e 304, 305, 308 (ed. de tarde).

13. «Ameryka-Polska», 1925, n° 1.

femininas¹⁴ e mais dois apareceram em edições separadas, na série de bolso da revista feminina «*Bluszcz*», de grande popularidade na época. Em total, nos anos de 1924–29 publicaram-se na Polónia nove contos de Monteiro Lobato, dos quais sete foram traduzidos por Janina Swierczewska, que desta maneira se tornou a principal divulgadora da obra de Lobato entre nós, já que após guerra, até 1987, apareceram somente mais dois contos e um livro para as crianças desse autor¹⁵.

Na época de que falamos surgiram igualmente as primeiras traduções da poesia brasileira, feitas por já mencionado professor universitário E. Porębowicz, que na parte antológica do compêndio da literatura geral, editado em 1933, apresentou quatro poemas dos escritores oitocentistas — Casimiro de Abreu, Castro Alves, Joaquim Serra e Gonçalves Crespo.

A seleção feita por estudioso polonês não foi muito feliz, já que incluía só um vulto realmente grande e representativo para a poesia nacional brasileira, a saber o de Castro Alves. Mostrava também uma só época, o romantismo, pois Gonçalves Crespo, famoso paranasiano, é considerado mais poeta português do que brasileiro, já que vivia e escrevia em Portugal.

Quanto ao romance brasileiro, ele se torna conhecido na Polónia somente após a II Guerra Mundial e quem lhe descerrou as portas do nosso país foi Jorge Amado, um dos mais traduzidos autores brasileiros, cujas obras foram publicadas em mais de vinte línguas. O lançamento de seus quatro romances em polonês, num só ano de 1949, abre uma nova época na recepção da literatura brasileira no nosso país.

III. A divulgação da literatura brasileira na Polónia após a II Guerra Mundial.

Jorge Amado, escritor baiano nascido em 1912, que estreou em 1932 e continua sempre a escrever, tornou-se o primeiro autor brasileiro, cuja obra foi amplamente divulgada no nosso país.

14. «Kobieta w Świecie i w Domu», 1929, n° 23, «Kobieta Współczesna» 1927, n° 21, 1928, n° 19 e 39, 1929, n° 25–27.

15. Os contos apareceram nas antologias: *Piętnaście opowiadań iberoamerykańskich* [Quinze contos iberoamericanos], Kraków 1976, *Opowiadania brazylijskie* [Os contos brasileiros], Kraków 1977. Em edição separada saíram *As celebrações de Narizinho*, Warszawa 1976.

No processo da penetração e da difusão da obra de Amado na Polónia distinguem-se duas fases: primeira, a de grande expansão, situa-se na década de 1950, quando se publicaram 12 livros desse autor e segunda — nos anos 60—70, quando a promoção dos seus romances visivelmente diminui, reduzindo-se a três títulos traduzidos. Em 1949, apareceram nas livrarias polonesas quatro livros de Amado — *Cacau*, *Cacau*, *Suor*, *Terras do sem fim* e *Cavaleiro da esperança*, aos quais imediatamente se seguiram tanto as reedições como os novos títulos, de maneira que os próximos anos trouxeram, num ritmo acelerado, mais oito livros da sua autoria: em 1950 — *Jubiabá*, *A Albânia é uma festa*, *Seara vermelha*; em 1951 — *São Jorge dos Ilhéus*, *Mar morto*, 2ª ed. de *Cavaleiro da esperança* e 2ª ed. de *Seara Vermelha*; em 1952 — 2ª ed. de *Cacau*.*Suor*; em 1953 — *Os subterrâneos da liberdade* (2 vols.), 2ª ed. de *Mar morto*, de *Terras do sem fim* e de *São Jorge dos Ilhéus*; em 1954 — *O mundo da paz* e 3ª ed. de *Seara Vermelha*; em 1956 — 2ª ed. de *Cacau*; em 1957 — *ABC de Castro Alves*.

Terminada essa época de grande difusão, os romances de Jorge Amado voltam ainda três vezes às livrarias polonesas nos anos de 1968—75, para desaparecer totalmente após essa data (1968 — *Gabriela cravo e canela*, 1972 — *Os velhos marinheiros*, 1975 — *Os pastores da noite*).

Para que a grande divulgação dos romances de Amado na Polónia nos anos 50 fosse validamente compreendida, é preciso situá-la no ambiente cultural da época, marcada politicamente por estalinismo e esteticamente por realismo socialista. Jorge Amado, autor duma serie de romances dedicados à evolução ideológica das massas sofredoras, que duma revolta inconsciente chegam a descobrir a doutrina comunista como solução dos males sociais, inscrevia-se perfeitamente nesse ambiente. Enquadrava-se nele também Jorge Amado-militante comunista, perseguido no Brasil, refugiado na URSS e Checoslováquia, distinguido pelo conjunto da sua obra literária com o «Prémio Internacional Estaline», participante do Congresso Mundial de Intelectuais em Wrocław (1948) e do Congresso Mundial dos Partidários da Paz em Varsóvia (1950). E foram exatamente esses aspectos da sua actividade partidária

e literaria, que se destacavam em numerosos artigos e posfácios, que acompanhavam as sucessivas edições dos seus romances¹⁶. Porém, na obra de Amado, desde o seu começo, havia certos elementos, que não estavam de acordo com os moldes rígidos do realismo socialista, à luz do qual se interpretavam seus romances. Daí, nas vozes críticas, embora sempre elogíacas, sente-se um certo mal-estar dos articulistas, desnorteados com os acentos naturalistas, com o erotismo, que às vezes se aproxima da pornografia, com o tratamento leviano de certas formas da luta revolucionária, por ex., da greve, que os heróis de Amado encaram como uma festa carnavalesca, ou uma bela aventura. Alguns críticos negavam aos romances de Amado o qualificativo de «proletários», apontando ao mesmo tempo as numerosas falhas do escritor no plano estético, a saber: a esquematização dos personagens divididos geometricamente em «bons» e «maus», a diluição dos heróis centrais na grande massa dos personagens secundários, a falta da unidade na composição dos romances, feitos de episódios pouco ligados entre si. Porém, as opiniões negativas foram relativamente poucas e em geral adoçavam-se com os elogios ao talento e às boas intenções do escritor, incansável na luta contra «o imperialismo mundial» e fascinado pelo «mundo em paz» criado na Europa Oriental sob a proteção da União Soviética, país louvado por ele em hino dedicado a Estaline.

É bem significativo que a grande divulgação dos livros de Amado (cujas tiragens totalizaram na década de 1950 cerca de 300 mil exemplares, número bem elevado para o nosso mercado de livro) termina com a abertura política e cultural que se operou na Polónia após 1956. Quase na mesma altura, em 1958, com a publicação de *Gabriela cravo e canela* dá-se uma viragem decisiva na trajetória literária do romancista baiano. A partir da *Gabriela* as preocupações doutrinárias de Amado — militante marxista cedem lugar ao gosto do escritor pelas histórias líricas e pitorescas, contadas por um narrador bem-humorado e malicioso; os heróis trágicos e os

16. cf. as bibliografias: A. Szendzielorz: *Bibliografia polskich publikacji dotyczących Brazylii (1945 – 1979)* [A bibliografia das publicações polonesas relacionadas com o Brasil (1945 – 1979)], Warszawa 1986 (texto policopiado); J. Karasek: *Bibliografia polskich publikacji dotyczących Brazylii (1980 – 1985)* [A bibliografia das publicações polonesas relacionadas com o Brasil (1980 – 1985)], Warszawa 1986 (texto policopiado); *Latin American Literature and History in Polish Translation*. A bibliography compiled by John Sarnaeki. Port Huron, Michigan 1973.

revolucionários desaparecem dos seus livros, sendo substituídos por tipos picarescos, na vida dos quais há mais sorriso do que lágrimas, essas, aliás, prontamente enxutas pelo sol radiante do «país do carnaval».

Na Polónia, o novo caminho por que Amado enveredou com *Gabriela* foi notado somente dez anos mais tarde, em 1968, quando saiu a edição polonesa desse romance. A surpresa que ele causou aos leitores poloneses testemunha o artigo de B. Czeszko, publicado por essa ocasião. É um artigo importantíssimo, que desvenda os meandros da nossa política cultural nos anos de 1950, da qual dependia a atitude das casas editoras e da crítica perante os escritores estrangeiros, publicados no nosso país. Muitas obras, inclusive as dos autores latinoamericanos divulgavam-se exclusivamente por razões de ordem política, embora os seus valores artísticos despertassem dúvidas ou sorrisos de indulgência. Os artistas latinoamericanos — confessa Czeszko — «causavam-nos embaraço. As suas obras realizavam os princípios de arte empenhada, mas a maneira em que faziam isso estava em conflito com os cânones rígidos do realismo socialista, elas se aceitavam formalmente, por razões políticas, e nada mais»¹⁷.

Do mesmo artigo chegamos a saber que a grande promoção dos livros de Amado não tinha nada a ver com os gostos e interesses dos leitores. Ele pertencia aos autores «recomendados» oficialmente, mas isso, como é óbvio, não chegava a torná-lo simpático e atraente ao público leitor, antes pelo contrário, provocava uma atitude de rejeição, de irritação e de aborrecimento. Segundo B. Czeszko, a divulgação forçada, manifestamente propagandística dos romances de Amado na época estalinista pesou para sempre na fortuna literária desse escritor no nosso país, fazendo com que o seu nome despertasse no nosso leitor todas as associações negativas, de que esses tempos estão carregados. Nesse contexto, a leitura de *Gabriela*, feita por dever do cronista literário, constituiu para esse crítico uma surpresa agradável, «um encontro simpático com o escritor outrora tornado aborrecido, porque oficializado»¹⁸.

Entretanto, parece que poucos leitores na Polónia têm ainda a vontade

17. B. Czeszko: *Postęp w miasteczku Ilheus* [O progresso na cidade de Ilheus], «Nowe Książki», 1968, n.º 21, p. 1458.

18. *Ibidem*, p. 1459.

de sair ao encontro desse autor, sobre o qual pesa o rótulo da época, em que foi lançado. Tanto a falta de novas traduções, como o inquérito feito em 1977 nos meios estudantis de Varsóvia provam, que ele pertence aos escritores esquecidos e totalmente desconhecidos mesmo entre os jovens, interessados pelas literaturas sulamericanas¹⁹.

Dos poucos escritores brasileiros, que além de Amado se publicaram na Polónia na década de 50, uma atenção especial merece Graciliano Ramos (1892–1953), cujo romance *Vidas secas*, um estudo profundo da condição infra-humana do nordestino pobre, que vive em função dos flagelos cíclicos da seca, foi traduzido em 1950.

Os críticos poloneses da época, empenhados unicamente na procura dos valores ideológicos das obras literárias, não chegaram a ver no romance de Ramos outra coisa senão um documento dos sofrimentos das massas exploradas, comparável aos escritos por Jorge Amado²⁰. Essa interpretação, extremamente simplificada e tendenciosa, deturpava e diminuía o valor verdadeiro desse livro, que consiste antes de mais nada na riqueza do conteúdo humano, no clima de alta tensão dramática, em que se apresentam os problemas psicológicos e existenciais dos protagonistas. E embora haja também nesse romance os fortes traços de crítica da realidade nordestina, eles não prevalecem sobre o problema central, que é a tragédia da condição humana no mundo inóspito e na sociedade hostil. São exatamente os valores psicológicos, que conferem uma dimensão universal a essa obra regionalista, colocando o seu autor numa posição de relevo na história do romance modernista de linhagem machadiana.

Parece, que os autores das críticas polonesas, apreciando esse romance, tomaram mais em conta a filiação do autor ao Partido Comunista Brasileiro, do que o próprio conteúdo do livro.

A mestria de Ramos na apresentação dos tipos e dos dramas humanos foi notada na Polónia somente muito mais tarde, no posfácio que acompanha a versão polonesa do outro romance desse autor, *São Bernardo*, lançado no nosso país em 1985, quer dizer com meio século de atraso em relação à sua primeira edição brasileira (1934).

19. M. Boni: *Literatura iberoamerykańska w kulturze czytelniczey studentów* [A literatura iberoamericana nas leituras dos estudantes], «Przegląd Humanistyczny», 1977, n° 12, pp. 143–159.

20. Z. Andrzejewski: *Zwiedle życia* [Vidas secas], «Kurier Codzienny», 1951, n° 85, pp. 3–4.

Nos anos sessenta, com a mudança do ambiente cultural, começam a traduzir-se no nosso país também os autores, que não representavam a literatura engajada. Entre outros, publicam-se naquela altura algumas obras dos clássicos oitocentistas, cuja lista abre inexcedível mestre de prosa psicológica, Machado de Assis (1839–1908). Seu romance *Dom Casmurro* foi publicado na Polónia em 1959, sendo em breve seguido por três romances românticos — *O Guarani* e *O Sertanejo* de José de Alencar, e *Inocência* de A. de Taunay, todos traduzidos por J. Wrzowska e editados entre 1962–64.

A década de 60 não foi muito rica em traduções da literatura brasileira e o que a caracteriza, é a falta de critérios nítidos na selecção das obras traduzidas, condicionada, ao que parece, pelo gosto dos próprios tradutores. Assim, J. Wrzowska, além das acima mencionadas obras oitocentistas traduz naquela altura *Gabriela* de Jorge Amado, enquanto H. Czajka apresenta dois autores contemporâneos — Josué de Castro (*Homens e caranguejos*, 1968), e Carolina Maria de Jesus (*Quarto de despejo*, 1963) — ambos filiados à literatura de denúncia social, e mais um autor, fora de quaisquer moldes, a saber João Guimarães Rosa (1908–1967), considerado o maior prosador brasileiro do séc. XX. Em 1969, publicam-se na Polónia dois contos desse autor, reunidos no volume intitulado *Soropita. Buriti* e em 1972 sua obra-prima *Grande sertão: veredas*, cuja versão em nossa língua não reflete, infelizmente, a mestria estilística do autor, que com esse livro abriu novas perspectivas nos meios de expressão literária em língua portuguesa. Porém, os anos de 1960, embora escassos em traduções, têm sua importância nas relações literárias polono-brasileiras, pois naquela altura começa a modificar-se a atitude dos nossos leitores perante as literaturas latinoamericanas, inclusive a brasileira, que passam a ser valorizadas até o ponto de os fascinar.

Não é, portanto, por acaso, que em 1972 no seio da Editora Literária de Cracóvia cria-se a série de «Prosa Iberoamericana», no âmbito da qual publicaram-se até agora mais de cem livros, dos quais cerca 20% constituem as traduções da literatura brasileira. Conforme as intenções do editor²¹, o objetivo dessa série é mostrar

21. M. Kaniowa: *En torno a la serie «Prosa Iberoamericana»*, «Estudios Latinoamericanos», t. 4, 1978.

o grande panorama literário de todos os países latinoamericanos, apresentando todas as obras significativas, tanto do ponto de vista estético como do ponto de vista dos valores cognitivos e da força evocativa dos problemas peculiares à essa região do mundo.

A consequência imediata desse vasto programa é a grande variedade estética e temática dos livros que entram na série, que ao lado do realismo oitocentista oferece ao leitor o real maravilhoso da prosa contemporânea, ao lado do romance regionalista — uma narrativa intimista, desprovida da cor local, ao lado do panfleto social — uma novela surrealista. Segundo os intuítos do editor, cada livro que entre na série tem que contribuir para o seu enriquecimento com os elementos novos.

Realizando esse programa, a série «Prosa Iberoamericana» ampliou consideravelmente a lista dos autores brasileiros traduzidos para a nossa língua, começando pelos clássicos e terminando com os nossos contemporâneos. O quadro da prosa clássica foi completado com duas obras de já citado Machado de Assis (*Quincas Borba* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*), com o romance naturalista *O Cortiço* de A. Azevedo (1857—1913), e o romance pré-modernista *O triste fim do Policarpo Quaresma* de Lima Barreto (1881—1922).

A prosa modernista, da sua fase experimental, foi apresentada por *Macunaima*, famosa «rapsódia» de Mário de Andrade (1893—1945), escrita em 1928 e traduzida para o polonês em 1983. A riquíssima prosa da segunda fase do modernismo, quer dizer dos anos 30—40, à qual pertence também uma boa parte das obras de Jorge Amado traduzidas anteriormente, refletiu-se duma maneira bastante fraca na série em questão, que trouxe somente dois romances dessa época — *Cascalho* de Herberto Sales (1982) e *São Bernardo* de Graciliano Ramos (1985), que se inserem nas duas correntes principais da prosa modernista, a saber social e psicológica. Ambas essas correntes tinham vários outros representantes de talento, que até agora não chegaram a ser traduzidos para a nossa língua (por. ex. José Lins do Rego ou Raquel de Queirós). As grandes lacunas, que há igualmente nas traduções da prosa contemporânea, foram de certa maneira remediadas com a publicação de dois volumes de contos (*Opowiadania brazylijskie*, 1977, e *Nowe opowiadania brazylijskie*, 1982, seleção e trad. de J. Klave), que dão uma visão panorâmica do desenvolvimento desse gênero no Brasil a partir dos finais

do séc. XIX até os nossos dias. Há nesses dois volumes uma cinquentena de autores, sendo alguns deles conhecidos também, ou antes de mais nada, como romancistas. Porém, até agora os romances de tais escritores como Osman Lins, Autran Dourado, Moacyr Scliar, José J. Veiga, ou Lygia Fagundes Telles permanecem fora do alcance dos nossos leitores. A falta das traduções dos romances de Clarice Lispector foi remediada só em parte com a publicação da novela *A hora da estrela* (1987).

Além dos escritores acima citados, cujos contos entraram nas duas referidas antologias, há vários romancistas contemporâneos, já consagrados, que nem sequer de nome são conhecidos na Polónia. Entre eles cumpre citar Geraldo Ferraz, Adonias Filho, António Callado, Jorge Mautner, Ignácio de Loyola, Paulo Jacob, Ricardo L. Hoffman, Rezende Filho, José Cândido de Carvalho, e dos mais novos-Sérgio Tapajos, O. G. Rego de Carvalho, Fernando Ramos, Caio Fernando Abreu. A lista aqui citada, que está longe de ser completa, mostra que em relação à prosa brasileira a série da prosa iberoamericana tem que preencher ainda muitas faltas, pois os poucos romances, publicados até agora no seu âmbito, constituem só uma pequena amostra da riqueza, que caracteriza nas últimas décadas as letras brasileiras.

Vale a pena notar, que todos os livros que entram nessa série, trazem os posfácios e as notas sobre os autores, que para o leitor polonês, desprovido até agora de um bom compêndio da literatura brasileira²², constituem uma valiosa fonte de informação sobre o contexto histórico-literário de cada obra.

Os comentários críticos, que acompanham as publicações iberoamericanas da Editora Literária, são tanto mais valiosos, que a nossa crítica literária, até há pouco tempo, não se mostrava capaz de seguir o crescente número de traduções da literatura brasileira (lançadas, esporadicamente, também por outras editoras) com as apreciações que se baseassem no sólido conhecimento dessa literatura. Daí, vários autores, tanto clássicos como de vanguarda contemporânea, passaram despercebidos, enquanto sobre os outros

22. Os trabalhos até agora publicados só em pequena parte podem satisfazer a procura que há nesse domínio. Até 1987 apareceram: N. W. Sodrê: *Historia literatury brazylijskiej* [*História da literatura brasileira*], Warszawa 1975; J. Z. Klave: *Aluisio Azevedo, twórca brazylijskiego naturalizmu* [*Aluisio Azevedo, criador do naturalismo brasileiro*], Warszawa 1976; idem: *Premodernizm w Brazylii* [*O pré-modernismo no Brasil*], Warszawa 1977; A. Cândido, J. A. Castello: *Presença da literatura brasileira das origens ao modernismo*, Warszawa 1980.

exprimiam-se, às vezes, umas opiniões despropositadas, tais como, por exemplo, a classificação de «*western brasileiro*» aplicada com uma intenção obviamente pejorativa em relação a *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa²³. Essa situação vai, porém, melhorando com o crescente número de especialistas em línguas e literaturas ibéricas e iberoamericanas e com o desenvolvimento dos respectivos estudos no nosso país.

A maioria dos livros brasileiros, lançados no âmbito da «Prosa iberoamericana» foi traduzida e prefaciada por J. Z. Klave, a quem devemos onze volumes de prosa brasileira em nossa língua. Aos tradutores, que têm grandes méritos na popularização da literatura brasileira em nossa língua, pertencem ainda M. Hołyńska (11 livros traduzidos), E. Gruda (10 livros) e J. Wrzoscowa (10 livros).

Terminando as considerações sobre a divulgação da prosa brasileira na Polónia, seria, talvez, interessante notar ainda que alguns dos livros traduzidos enriqueceram a literatura para crianças e adolescentes. Ao género da literatura infantil pertence *Narizinho Arrebitado*, escrito em 1921 por Monteiro Lobato, clássico da literatura infantil mais lido no Brasil. A sua tradução polonesa (feita por J. Wrzoscowa) data de 1976. Entre os livros para adultos, que passaram com o tempo para domínio infantil, situam-se os romances românticos de Alencar e Taunay, enquanto dois livros de José Mauro de Vasconcelos — *O meu pé de laranja lima* e *Vamos aquecer o sol* — destinam-se a leitores de todas as idades. Todos os livros acima mencionados foram editados fora da série «Prosa Iberoamericana» por várias casas editoras de Varsóvia.

Se a Editora Literária, com a referida série, que alcançou grande êxito junto aos leitores, contribuiu decisivamente para a divulgação do conto e do romance brasileiro, a revista teatral «Dialog» e os nossos encenadores actuaram no mesmo sentido em relação ao teatro brasileiro, que na década de 40 saiu duma época de prolongada estagnação, atraindo a partir daí não somente as plateias nacionais mas também estrangeiras. Para os sucessos do teatro brasileiro contemporâneo contribuíram vários factores, tais como: o estímulo que lhe foi dado por alguns directores competentes vindos da Europa (entre eles o nosso compatriota Z. Ziemiński),

23. J. Karbowski: *Grande Sertão: veredas*, «Nowe Książki», 1973, n° 12.

os progressos em arte cénica, o surgimento de novos teatros e, antes de mais nada, o aparecimento dos dramaturgos de talento. Na Polónia, as peças dos principais renovadores do teatro brasileiro foram, principalmente nos anos 50–60, tanto encenadas em vários teatros do país²⁴ como publicadas e comentadas na revista «Dialog»²⁵. Nelson Rodrigues, Guilherme Figueiredo, Ariano Suassuna, Pedro Bloch, Jorge Andrade, A. Dias Gomes, autores encenados nos palcos poloneses, representam bem a variedade de tendências no teatro brasileiro contemporâneo. Assim, no teatro engajado, teatro de protesto conta a miséria do homem rural inscrevem-se: *Vereda da salvação* de Jorge Andrade (encenada em Varsóvia e Toruń em 1964), *O pagador das promessas* de A. Dias Gomes (encenada em 1962–3 nos teatros de Nowa Huta, Gniezno e Łódź) e *Evangelho segundo Zebedeu*, publicada e comentada em revista «Dialog»²⁶. Ao teatro de desafio à moralidade burguesa pertence a peça de costumes urbanos *Boca de ouro* de Nelson Rodrigues, autor do rumoroso drama *Vestido de noiva*, cuja encenação em 1943 por Z. Ziemiński marca o começo do novo teatro brasileiro. *Boca de ouro* foi representada em 1963 em Cracóvia.

Ao género do teatro popular, inspirado na velha tradição dos autos peninsulares à maneira de Gil Vicente, pertence a farsa de Ariano Suassuna *O auto da Compadecida*, encenada em 1960–61 em Varsóvia e Gdańsk. *A raposa e as uvas*, peça de Guilherme Figueiredo, tem por sua vez o carácter parabólico, pois como pretexto para as divagações sobre a liberdade toma a vida e a obra de Esopo. O seu sucesso na Polónia é testemunhado por cinco encenações em várias cidades nos anos de 1959–63. O drama sentimental de Pedro Bloch *As mãos de Euridice*, que teve enorme sucesso no Brasil, foi levado à cena por «Teatro de 30 cadeiras» em 1957.

Embora a época do intenso interesse dos nossos encenadores pelo teatro brasileiro durasse pouco tempo, situando-se entre 1957–1964,

24. cf. K. Białek: *Sztuki hiszpańskiego i portugalskiego obszaru językowego na scenach Polski Ludowej 1945–72* [As peças teatrais dos países da expressão espanhola e portuguesa nos palcos poloneses 1945–72], «Nowości Teatralne», 1973, n.º 11, 12.

25. cf. as bibliografias de A. Szendzielorz e J. Karasek, citadas na nota 16.

26. D. Żmij-Zielinska, W. Wojciechowski: *Vieira e a história dos Canudos* [Vieira e a história dos Canudos], «Dialog», 1973, n.º 7.

a atenção da parte da revista «Dialog» sempre permanece, manifestando-se em novos artigos e peças traduzidas²⁷.

Entre os géneros literários, que nas últimas quatro décadas representam na Polónia a literatura brasileira, o menos conhecido é o lírico. Enquanto no domínio da divulgação do romance, do conto e do teatro foi feito um grande passo em relação à época anterior, a poesia permanece quase tão desconhecida como antes de 1945. Os poucos artigos²⁸ com os trechos de alguns poemas de várias épocas, uns cinco poemas de Carlos Drummond de Andrade, inseridos no ensaio dedicado por A. Komorowski²⁹ a esse célebre escritor (uma das principais figuras da renovação modernista da poesia brasileira), aos quais podemos juntar ainda uma dezena de poemas de outros modernistas, publicados na antologia da poesia iberoamericana³⁰, esgotam a lista das traduções de poesia brasileira, feitas até 1987. Entretanto, a poesia brasileira das últimas décadas, assim como a prosa e o teatro, traz umas experiências originais e renovadoras, que, sem dúvida, merecem a ser divulgadas. Igualmente desconhecida é na Polónia a historiografia e a crítica literária do Brasil, representada até agora por um só trabalho, *História da literatura brasileira. Seus fundamentos económicos* de Nelson Werneck Sodré, autor de orientação marxista, que de acordo com o que diz no subtítulo, ocupa-se dos condicionamentos sócio-económicos dos fenómenos literários sem interpretá-los esteticamente. Na sua versão polonesa essa obra ficou desprovida de numerosas e eruditas notas biobibliográficas, que seriam muito úteis, dada a escassez das fontes de informação em nossa língua. Porém, não obstante todas as lacunas que ainda existem na divulgação na Polónia, tanto da literatura brasileira como dos conhecimentos sobre ela, os grandes progressos já feitos nas traduções da prosa de ficção (51 títulos de romances e colectâneas de contos, editados

27. Após 1964 publicaram-se ainda: Cezary Rowiński: *Teatr w Brazylii* [O teatro no Brasil], «Dialog», 1971, n° 4; Luís Francisco Rebello: *Dramaturgia brazylijska* [A dramaturgia brasileira], «Dialog» 1973, n° 7, no mesmo número apareceu também a tradução de *Evangelho segundo Zebedeu* de C. Viçeira; *Dzieje współczesnego teatru brazylijskiego* [A história do teatro brasileiro contemporâneo (anónimo)], «Dialog», 1984, n° 9.

28. E. Gruda: *ABC poezji brazylijskiej* [ABC da poesia brasileira], «Orka», 1958, n° 36; F. Śmieja: *Manuel Bandeira* «Począ», 1969, n° 5; A. Pałasz: *Brazylija*, «Poezja», 1980, n° 12.

29. A. Komorowski: *O poezji Carlosa Drummonda de Andrade* [Sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade], «Nowy Wyraz», 1980, n° 4.

30. J. Niemojowski: *Ewokacje, krótka antologia poezji Ameryki Łacińskiej* [Evoações, breve antologia da poesia da América Latina], Warszawa 1968.

entre 1949—1987)³¹ e o promissor fenómeno da série «Prosa iberoamericana», que testemunha o interesse do nosso público leitor pelas literaturas latinoamericanas, inclusive a brasileira, deixam acalantar uma esperança, que o processo da sua propagação entre nós continue, enriquecendo a nossa cultura literária de novos valores, criados, em parte, também por nossos emigrantes, ou seus descendentes, entre os quais os mais célebres se tornaram Z. Ziemiński, um dos principais renovadores do teatro brasileiro nos anos 40 e Samuel Rawet, cujo livro de estréia, *Contos do imigrante*, lançado em 1956, foi um acontecimento importante na história da prosa brasileira contemporânea.

31. Desses 51 títulos 15 são da autoria de Jorge Amado. As tiragens dos livros brasileiros traduzidos na Polónia até 1987 totalizaram cerca de 900 mil exemplares, dos quais cerca de 400 mil cabe aos romances de J. Amado. A tiragem média de 10 mil exemplares ultrapassaram na primeira edição poucas obras, tais como *Gabriela* de J. Amado, *Maira* de Darcy Ribeiro (1983), *Inocência* de A. de Taunay, ou *Meu pé de laranja lima* de J. Mauro de Vasconcelos (1976) — todos publicados com a tiragem de 20 mil exemplares. O maior sucesso teve nos últimos anos *A escrava Isaura* de B. Guimarães, lançada em 1985 na onda da popularidade alcançada pela telenovela, numa tiragem bicentenária para o nosso mercado, a saber em 100 mil exemplares.